



Gaiato

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

15 de Agosto de 1998 • Ano LV - N.º 1420
Preço 40500 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

CALVÁRIO

A comunicação dos simples

LEVO comigo um pacote de bolos e entro na sala onde alguns doentes descansam. O Luís, rapaz autista, sempre fechado no seu mundo de silêncio, ao ver-me, sorri e levanta-se; vem dar-me uma palmada amiga nas costas e aponta para os bolos.

O pacote é aberto e o Luís continua a sorrir com a mão estendida.

Alguns doentes, como este rapaz, nunca disseram uma palavra. O João e o Necas, acamados há vinte e cinco anos, não sabem sequer o que seja falar. O «Enguia» vai em quarenta anos de absoluto silêncio. A Tina, com a mesma idade, apenas sorri. E o mesmo faz a Ana Paula, no leito há vinte anos. E mais doentes vivem connosco sempre calados. São seres que moram no silêncio. A comunicação deles é feita pelos olhos, pelo sorriso, por um gemido, pela mão que se estende.

A ciência da comunicação está hoje na moda. Mas a comunicação destes doentes e a nossa com eles não se aprende na Escola. Aqui a Mestreira é a natureza, a intuição.

Quando a linguagem oral não é o meio de comunicar, surgem outros expedientes eficazes para o fazer.

O olhar é um poderoso meio de comunicação. Por ele e com ele tudo pode ser revelado: a alegria e a tristeza, a felicidade e a angústia. Por ele pode traduzir-se o mais íntimo de cada um.

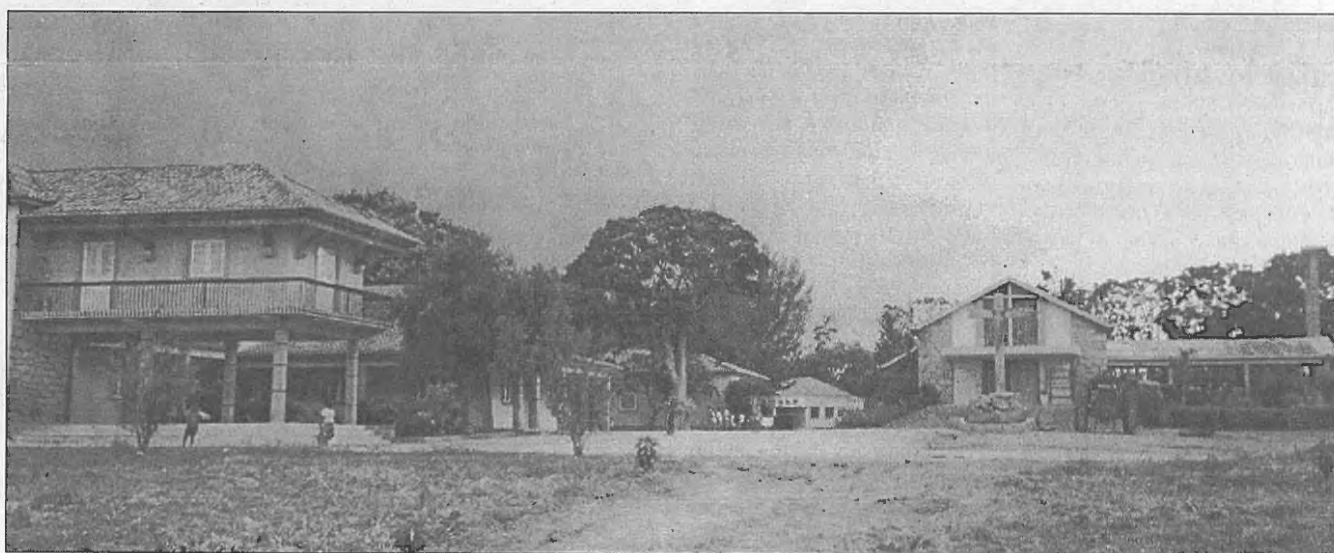
O sorriso que estes doentes esboçam tantas vezes, exprime melhor os sentimentos do que as palavras. E eu vou aprendendo com eles.

— O senhor Padre está contente comigo — diz o Carlos ao ver-me passar junto dele. — Sorriu para mim.

O tacto é outra via essencial de comunicação. Por ele aproximamo-nos dos outros de modo único. O contacto da nossa mão pode dizer muito mais do que as palavras. Uma carícia, um simples toque no rosto ou nas mãos de alguém falam por si.

O «Enguia» quando lhe estendo a mão, dá-me a dele e sorri. Não fala, mas comunica.

Continua na página 3



Casa do Gaiato de Malanje

MALANJE

2/07/98

«**S**IM, a cristandade adormeceu e tal jeito tomou na palha da cama que parece já não arrumar de lá para fora, senão pela violência» — diz com esta graça o nosso Pai Américo.

Esta sua afirmação sugeriu-me a palavra da moda: esclerose — bem presente em tantos lares. Como sanguessuga presa ao espírito, vai minando o sentimento religioso até à paralisia.

De tal modo ela tomou um grande número de pessoas, e com tal gana, que somente o Senhor, com Sua graça e amor, a pode curar.

Iniciativa salvadora de Jesus!

4/07/98

ONTEM, o «Paizinho», de 11 anos, veio pedir uma poesia para decorar. Embora não muito própria para a sua idade, dei-lhe a «Romã».

Hoje veio recitar-ma. Resumo: o poeta perdeu a paz por causa da tagarelise das sementes e foi viver para o coração dum marmelo «que tem poucas e quase mudas».

Onde, nesta Angola, o coração dum marmelo para não escutarmos os

medos, os tiros, os boatos, os roubos e as mortes com os seus óbitos?

Quando a esperança está por um fio, vale mais a fé!

17/07/98

NO tom festivo do nosso dia de Pai Américo, também com a alegria dos nossos baptizados, não deixei de me interrogar sobre a nossa atitude perante a ameaça de nova guerra.

Alimentando ainda a esperança de paz, preocupa-nos já a imagem de desalento — bem evidente no rosto dos desalojados.

As lágrimas das mães ao verem partir os filhos, não encontram razões

para estas matanças entre irmãos da mesma Pátria.

O Povo simples não atina, mal reage!, e é ele que sofre na carne a loucura da guerra que, como sempre, traz consigo a fome.

Inconsciência, direi, quase colectiva... Também das nações poderosas que, por detrás das bandeirinhas brancas, fornecem armas sem fim e sem medida.

O petróleo vale...

Os diamantes valem...

Se há guerra as crianças que morram... e o povo que mastigue ervas.

Sei que não devemos perder a esperança e que o Senhor nos pode dar a paz.

Padre Telmo

PATRIMÓNIO DOS POBRES

«Cautela! Tenham muito cuidado!»

FOI assim que a Polícia, no quartel daquela vila, elucidou e aconselhou ao nosso pedido de informação: — Tenham muito cuidado! Não entrem no bairro com relógios, anéis e outros valores. É gente pouco séria e agressiva.

Subimos a encosta e aproximamo-nos do bairro. Aparentemente, pareceu tudo normal dentro de toda aquela rede. Pareceu-nos um grande isolamento. Este isolamento terá influência nas personalidades.

Leva-os a julgarem-se uma sociedade à parte. Um outro mundo.

Fiquei admirado com toda aquela desconfiança. Recordei a visita que, há anos, fiz a duas favelas do Brasil. Também nessa altura os meus familiares e amigos insistiram para que não nos metêssemos ali. Que só os polícias e os vicentinos conseguiram lá entrar.

Tentei e, com o meu companheiro, percorremos o caminho a pé. Uma das fave-

las tem quilómetros de extensão. Eram dias de sábado. Muita gente fora das baracas. Ninguém se meteu connosco. Saímos como entrámos: tranquilos.

Muitas vezes, na nossa sociedade, nota-se a falta de autoridade e de responsabilidade. Procuramos ser todos iguais e descomprometidos. Frequentamos as mesmas casas e gozamos os mesmos ambientes. O abuso da liberdade, geralmente, dá em libertinagem. Muitas vezes encontramos agentes da autoridade bastante banalizados. São os copos, o jogo, a farra. A Autoridade, fruto da responsabilidade, parece ficar à porta.

Certas notícias publicadas na Imprensa também têm muita influência naqueles a quem chamamos marginais.

No mesmo dia, um diário trazia a notícia de que, num bairro da cidade, a Polícia Judiciária teve que pedir reforço à PSP pela força do ambiente que se gerou à volta do jovem que tentavam capturar, alegado autor de vários furtos.

O mesmo diário noticiava que um chefe de posto da GNR numa vila foi agredido e maltratado por um condutor que não quis obedecer e teve que ser tratado no hospital.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DAR DE COMER — Es-taríamos na iminência de não continuarmos a ter, para um tuberculoso, suculentas refeições económicas por trespasso do estabelecimento que o serve de nossa conta — com a generosidade dos Leitores.

O vicentino não perdeu tempo; e, na hora da mudança, abordou a empresária:

— Como sabe, a nossa Conferência é responsável pela alimentação de F. Seria possível manter o serviço ao pobre homem, e a que preço?

— Com certeza. Setecentos escudos por refeição. Mil e quatrocentos escudos por dia (almoço e jantar).

— Muito mais do que pagávamos! Por favor, faça lá um desconto.

Deu uma voltinha e regressou com boas notícias:

— A Conferência pagará os almoços; eu pagarei os jantares...

Uma *vaquinha!* Reduziu a despesa para metade, isto é, 21.000\$00 por mês.

Então, demos graças a Deus por continuar a haver quem forneça o alimento ao doente, solitário, que vivia no patamar da miséria.

PARTILHA — Na casa-mãe da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, Maria Amélia, de algures, deixa mil escudos e um saco com roupa — que levaram para a rouparia.

O nosso Rodrigo, assinante 19348, com residência na Maia, esteve de visita e lembrou os Pobres com dez mil.

Metade, da assinante 25507, do Porto, «*por alma de minha mãe*» — disse.

Mais dez mil, do assinante 20909, que por aqui passa todos os anos e, neste, com alguns achaques — e muita fé. Boas melhoras. Cinco mil, da acompanhante.

«*O contributo do mês de Julho, acrescido da minha dívida... à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*», pela mão da assinante 14493, do Porto.

Outra *devota*, de Coimbra, assinante 9708, manda cheque de 10.000\$00 «*para ajuda da conta da farmácia, que, calculo, nunca está saldada*». É verdade! Ainda agora foram, para a dita, mais umas dezenas de contos! Dedicou o óbolo «*por alma dos pais*». Legenda da carta: «*O Reino dos Pobres não foi prometido e não será dado senão aos Pobres. Quem ama as coisas temporais, perde o fruto do amor*».

Outra presença muito assídua: Cheque da assinante 20856, de Espinho, com dez mil, «*contribuição referente ao primeiro semestre de 1998*». Retribuímos os «*cumprimentos muito amigos*».

Assinante 31462, de Vila Nova de Gaia: «*As alegrias são para se partilhar. Por isso, envio um cheque (para a última publicação recebida e gostaria que o dinheiro fosse para aliviar, também, os problemas económicos dos Pobres da Conferência). É a nossa forma de dar graças por vermos um filho a ter a oportunidade de, finalmente, se realizar no seu trabalho. O meu marido disse, mais uma vez: — Há-de mandar um cheque, lá para os teus amigos. Os amigos sois vós...*»

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.*

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MALANJE

16 DE JULHO — Este magnífico dia foi vivido com grande entusiasmo e com a malta em bom estado de saúde (o essencial para um bom festejo).

Excepto o «*Minguito*». Que Deus esteja com ele e lhe restitua a saúde. Há quase um ano que não consegue ver-se livre da cama. Sofre dum cancro que o impossibilita de se pôr de pé.

Não só estes eventos preencheram a nossa jornada, mas tivemos ainda uma cerimónia de baptizados. Um grupo de quinze rapazes procuraram libertar-se do pecado original, recebendo o Sacramento do Baptismo que nos faz cristãos, filhos de Deus e membros da Igreja.

Houve, ainda, uma tarde recreativa e a malta mostrou as suas habilidades teatrais e culturais.

Foi um dia feliz para todos, particularmente para os baptizados.

CHUVA — Chegou no seu tempo. Não foi surpresa. Geralmente tem começado sempre em meados de Agosto.

AULAS — Terminou o primeiro período. Quanto a notas: umas, foram razoáveis; outras, não. No entanto, os que tiveram negativas precisam de estudar mais para conseguirem superar o aproveitamento no final do ano.

Jorge Zenildo e Luís Arnaldo

Elogios!

Gaivota de olhos pequenos
Que são duas amêndoas!
Rosto frágil,
Expressão amena
E coração volátil
Num corpo esbelto e sereno!

Gaivota das vivências belas
E dos anseios concretizados
Em mar e em terra!
Com as minhas solidões, dela
Sinto-me irmanado!

Gaivota amiga e companheira
Dos poetas e do povo!
Gaivota estrela e handeira
Dançando em pleno voo
Em qualquer parte do globo!

Manuel Amândio

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — Está quase no fim o segundo turno. Tanto no primeiro como no segundo, tudo correu em ordem. Desejamos a mesma sorte para os que seguirão no terceiro turno — com bom tempo a ajudar...

VISITANTES — Neste Verão, recebemos muitos visitantes, nomeadamente grupos de jovens que ficam por cá, alguns dias, acampados. Escuteiros, etc.

VINHO VERDE — Se Deus quiser, teremos um bom ano vitivinícola, em relação ao que é normal na região dos vinhos verdes, pois as vindimas serão muito precárias, pelo mau tempo na floração das vides. As pessoas que entendem alguma coisa disto, ficam admiradas

por termos os nossos vinhedos tão nutridos de uvas.

REGA — O milho parece começar a ganhar e a crescer. Tudo isto por causa da rega. Esperamos uma boa colheita. Graças a Deus.

«Almeidinha»

PRAIA DE MIRA

PRAIA — O primeiro turno partiu a 28 de Junho. Os rapazes estavam contentes pelas esperadas férias.

A alimentação é abundante. Os vizinhos ajudam-nos muito. Sempre que passam por nossa casa deixam batata, tomate, pepino, cebola, cenoura, feijão, alface e couves. Até os pescadores ofereceram sacos de peixe para as refeições.

Os rapazes também se divertiram a jogar à bola e às cartas; e, alguns deles, no banho.

Demos passeios pela praia, guiados pelos mais velhos: Cláudio, Manuel António e Nuno.

Há a preocupação de ter o tanque com peixes. Por isso, quando chegam à praia enchem-no logo e vão à barrinha apanhar peixes, pequenos lagostins e pedras do rio para o tanque.

Regressámos ontem a Casa. Gostámos muito.

«Branquinho»

MIRANDA DO CORVO

PADRE JOSÉ MARIA — Recebemos a visita deste nosso Padre, da Casa do Gaiato de Moçambique.

Ficámos muito contentes por tê-lo visto com a cara muito sorridente. Aproveitou as férias para vir a Portugal tratar da saúde.

PALHA — Fizemos a recolha da palha em terras nossas e dos vizinhos — que no-la ofereceram. Cerca de 550 fardos para o gado, no Inverno.

RETALHOS DE VIDA

«Fáfá»



O meu nome é Cláudio Marcelo de Jesus Ferreira, e a malta deu-me o nome de «Fáfá».

Nasci em 22 de Maio de 1987, na freguesia de Lobão, concelho de Santa Maria da Feira.

Vim para a Casa do Gaiato em 27 de Janeiro de 1998 porque os meus pais bebiam, batiam-me. E eu andava por lá, nas ruas, fugido da Escola...

Aqui, frequento a Escola Primária. Estudo como posso. Jogo futebol. Ando de patins em linha. E tenho amigos. Gosto de estar na Casa do Gaiato. Temos uma Aldeia muito bonita!

Quando for maior, quero ser mecânico.

Cláudio Ferreira

HORTA — Tem sido regada constantemente. O feijão cresce a bom ritmo e está verdinho. A batata não deu grande colheita: 20 arrobas, miudinha. Graças a Deus temos Amigos que no-la oferecem, nomeadamente o Continente.

ANIMAIS — As vacas continuam sem dar leite! Os porcos estão gordos. Ficámos muito tristes porque morreu o cão, mas, em recompensa, ofereceram dois.

PRAIA — Regressou o primeiro turno; o segundo e último já partiu para a praia. Os que chegaram, vinham contentes. Mereceram as férias.

Dois rapazes foram acampar com um grupo de jovens, de Coimbra.

BAPTIZADO — No domingo, houve o baptizado de um neto de antigo gaiato, professor aqui em Casa. Celebrámos a Eucaristia animada com grande grupo de convidados. O André Tiago é filho da Leninha.

Rui «Pequeno»

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

CONVÍVIO ANUAL — Conforme anunciámos, em devido tempo, no «Famoso», realizámos em 19 de Julho, o nosso convívio anual, em Paço de Sousa.

O programa foi mais ou menos cumprido. Houve algumas falhas, especialmente na parte desportiva, devido à *má forma* em que os atletas se encontravam.

Foi deposto um ramo de flores na sepultura de Pai Américo, com um momento de reflexão junto do túmulo.

Dissemos que não esquecermos o que lhe devemos. Expusimos as nossas preocupações, os nossos problemas, os nossos pedidos.

Pedimos saúde para todos os nossos irmãos que, naquele momento, desejariam ali estar também presentes e não puderam. Por aqueles que o tentam esquecer, não comparecendo a este momento tão nosso, com tanto significado para todos nós.

Pedimos pela Obra da Rua, pelos Padres da Rua, continuadores da sua Obra. E por outra intenção especial.

Depois, celebrámos a Eucaristia, presidida pelo nosso Padre Carlos, acompanhado dos nossos Padres Luiz e Júlio Pereira.

Ficámos felizes por ver o nosso Padre Luiz um pouco mais restabelecido das suas doenças. Que Deus o ajude.

Após a celebração, o almoço-convívio. No próximo ano, limadas algumas arestas, esperamos que possa ser melhor. Houve muita sombra. E, como não podia deixar de ser, a pinguita da Casa; muita alegria e



Um jardim da Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal (Loures)

É a segunda vez que fica deserta. A primeira foi a peripneumonia. Agora...

Desde 6 de Fevereiro estava sob «rigoroso sequestro» das Autoridades Pecuárias, com o despacho seco de proibição de «vender, dar, trocar, abater, ou, por qualquer forma alienar, não podendo entrar na propriedade nenhum animal até posterior resolução do Núcleo de Intervenção Veterinária de Penafiel». Como a resolução nunca mais vinha, diligenciámos, vezes sem conta, saber dela, para nosso governo; mas o silêncio nunca se quebrou.

Em Junho, uma vaca adoeceu. Chamámos o veterinário. Ele veio e foi por mais gente. Fizeram teste. Resultado: «Positivo à Encefalopatia Espongiforme dos Bovinos» (vulgo: «doença das vacas loucas»).

Em 24 de Julho, novo despacho: «Manter em rigoroso sequestro os bovinos existentes na exploração, por serem coabitantes de bovino positivo à B.S.E.» (Mas elas já estavam sequestradas desde Fevereiro!).

Em 30 de Julho vieram buscar todo o gado, mesmo os vitelos e vitelas que viviam em outro curral e nunca tinham coabitado com a vaca doente!

Tudo resolvido e executado pelas Autoridades competentes, sem uma palavra de explicação, ao meus de compreensão e de respeito pelo prejuízo e pelo desarranjo que a medida implica numa comunidade como a nossa.

«Podem ir receber (não sei o quê nem quanto...) à Central das Carnes em Famalicão» — foi o recado final que nos deixaram.

Entretanto, na comitiva, vinha já alguém a propor a venda de novo gado. E dois dias depois, outro negociante aí aparece com idêntica proposta. Como correu veloz a notícia! Assim tivesse sido com uma assistência e informações que nunca ocorreram desde a ordem de sequestro em Fevereiro!

A nossa vacaria



«Diálogo; transparência» — palavras vazias com que se engana o Povo... e os maiores atropelam os mais pequenos!

Nos quase sessenta anos que contam as Casas do Gaiato, nunca experimentámos tanta insensibilidade,

tão desumana ditadura dos que neste País detêm um bocadinho de poder, sinal da profunda falta de Autoridade que grassa.

Padre Carlos

SETÚBAL

Tarefa penosa e exultante

COMECEI, neste fim-de-semana, a tarefa penosa e exultante dos peditórios. Rumo normalmente para o Algarve a falar às pessoas de Fé que se reúnem na Igreja para celebrar o Mistério do Homem-Deus presente na História.

A Sua Palavra é a minha luz. É por Ela que alumio a vida dos homens e me insiro a mim próprio. Faz-me bem à alma falar às multidões. É um dia intenso a rezar e a fazer rezar. Falo e oiço! Sobretudo o que oiço me alegra, me esclarece e me anima. É uma recollecção, uma reciclagem sobre-natural.

A parábola do Homem cujo campo produziu exce-

lente colheita é o retrato da sociedade actual que, na abundância de bens acumulados para si próprio, diz a si mesmo: «Come, bebe, descansa, regala-te». Palavras de ordem continuamente propagadas por todos os *media* sem excepção e cujos frutos estão à vista: « vaidade das vaidades, tudo é vaidade ». O Homem só encontra o que é vão e vazio, arrastado por esta avalanche de ilusões.

A voz do Espírito Santo é bem diferente: « Aspirai às coisas do Alto. Fazei da vossa vida um sacerdotício... » Todos os que fostes baptizados sois sacerdotes. O trabalho duro debaixo de todos os sóis, feito com inteligência e êxito, não é uma vaidade se for um ser-

viço aos Outros onde Cristo é tudo e está em todos.

Ver nos Outros a pessoa de Jesus e servi-los como quem ajuda a Cristo, torna o homem rico aos olhos de Deus!

Foram ilustrações três acontecimentos recentes: O «Super» que a mãe, sem condições, veio buscar na quinta-feira passada. Com quatro anos de Casa, o «Super» tocou viola nas nossas Festas, era distribuidor d'O GAIATO, sub-chefe da casa quatro, matriculara-se já no 6.º ano e era um esteio nesta Obra de rapazes. Escutou a voz da mãe e quis ir com ela. Sofrimento inevitável para quem serve gratuitamente, mas que em vez de desânimo é recompensa.

Aquela família do Alentejo com sete filhos, a quem ajudámos a encontrar casa. Ela que vive numa exígua e abafada divisão, tem agora

como amparo somente três religiosas do Bom Pastor, que a Comunidade Eucarística pôs-se de lado.

Aquela senhora dedicada à tragédia dos presos e dos sem-abrigo, vítima de enganos e desenganos e que me vem lembrar histórias de gente triste que eu conheço, desabafa em profundos soluços e num mar de lágrimas: — *Já tenho desabafado com Jesus: Oh Senhor, parece que és surdo!* Amarrada a tantas dificuldades para dar abrigo aos que são postos fora das instituições criadas para os sem-abrigo.

O ruído mundano economicista e acumulador de bens é muito mais ouvido, mesmo pelos que se julgam crentes, que a voz de Deus que é misteriosa mas real.

Ai de mim senão fizer peditórios! Seria meu grande pecado de omissão.

Padre Acílio

descontentamentozinhos (notámos ausências, que desejamos não sejam por falta de saúde, e que, para o ano, possam estar presentes).

PASSEIO-CONVÍVIO — No fim da Eucaristia fizemos um aviso, do seguinte teor: A Associação realiza um passeio convívio à casa de férias do Tojal. Eis o programa: 3 de Outubro, partida às 8 horas, junto ao Lar do Porto. Em Leiria será a primeira paragem, para almoço de farnel, para quem o levar. O jantar, em Sintra, também do farnel que sobrar do almoço. Aí, na casa de férias da Casa do Gaiato do Tojal, dormiremos. Cada um levará os necessários lençóis e cobertores.

Dia 4, domingo, às 11 horas, celebração da Eucaristia, seguida de confraternização com a rapaziada do Tojal.

Às 13 horas, almoço com a comunidade.

Por volta das 16 horas, partida para Fátima. Visitaremos o Santuário e regressaremos ao Porto, onde contaremos chegar por volta das 20 horas.

Será um passeio bonito e é precisa a presença de todos. Ainda não indicamos preços porque tudo dependerá do número de inscrições. Mas, descansem, não será caro. Só o custo da camioneta, caso levem o farnelzinho.

Para marcarmos lugar basta telefonar para o Fernando Marques — 819951 ou 9515389.

Pedimos que sejam breves, pois temos que marcar a camioneta.

Demo-nos as mãos e partamos por aí abaixo. O sr. Padre Cristóvão estará à nossa espera.

Valdemar Soares

Calvário

Continuação da página 1

A Ana Paula, no seu leito, chora quando não é a primeira a ser saudada. Ponho-lhe a mão sobre a cabeça e ela cala-se meigamente.

As fúrias do «Faneca» desaparecem quando o afago. Puxa por mim. Quer um abraço e fica em paz. As carências de afecto são bem notórias nele. Mas o simples contacto físico dá-lhe calma e quietude.

Um moribundo não deseja palavras. Mas o calor da nossa mão sobre a dele transmite-lhe a segurança e o sinal de que é amado e não vai partir sozinho. Alguém o acompanha. Assim tenho feito e sentido.

COLECÇÃO

EDITORIAL DA CASA DO GAIATO

4560 Paço de Sousa

Volumes da autoria de Pai Américo:

PÃO DOS POBRES — 1.º volume (5.ª edição)

PÃO DOS POBRES — 2.º volume (5.ª edição)

PÃO DOS POBRES — 4.º volume (1.ª edição)

OBRA DA RUA — (4.ª edição, actualizada)

ISTO É A CASA DO GAIATO — 1.º volume (3.ª edição)

BARREDO — (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos)

DOCTRINA — 1.º volume (2.ª edição — aumentada)

DOCTRINA — 2.º volume (1.ª edição)

DOCTRINA — 3.º volume (1.ª edição)

CANTINHO DOS RAPAZES — (2.ª edição)

NOTAS DA QUINZENA

DE COMO EU FUI...

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

Volumes de outros Autores:

CALVÁRIO — (3.ª edição — reordenada e aumentada)

Padre Baptista

A PORTA ABERTA

PEDAGOGIA DO PADRE AMÉRICO — MÉTODOS E VIDA

(2.ª edição)

Obra compilada por Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte

O LODO E AS ESTRELAS — (3.ª edição — aumentada)

Padre Telmo Ferraz

ESBOÇO DE CRONOLOGIA DA VIDA DO PADRE AMÉRICO

Manuel Mendes

UM GRANDE EDUCADOR PORTUGUÊS DO SÉCULO XX

João Evangelista Loureiro

PADRE AMÉRICO—MÍSTICO DO NOSSO TEMPO

Padre José da Rocha Ramos

A comunicação mais profunda, no entanto, é feita com o coração. Estar ao lado de alguém, mesmo sem dizer palavras; fazer sentir que se gosta de estar junto de alguém, estando mesmo, é comunicar com o coração.

Assim Deus faz com o Homem. Ele está sempre presente. Os homens andam distraídos e não O percebem. Deus comunica com os homens no silêncio, no íntimo de cada um, quando lhe dá a paz, a alegria, o prazer de viver, o gosto de amar, de se sentir amado e acolhido.

Deus é Mestre de comunicação. Não incomoda ninguém. Quando ganhamos ânimo para a vida, quando usufruímos a paz, quando nos sentimos amados, quando desejamos praticar o bem e o fazemos, Ele está ao nosso lado.

Quando estes pequenos e simples suplicam a nossa presença e o nosso cuidado, Deus quer comunicar conosco: «O que fizerdes ao mais pequeno destes é a Mim que o fazeis».

Padre Baptista

PADRE AMÉRICO - MÍSTICO DO NOSSO TEMPO

«Este livro é uma viagem cheia de descobertas»

A obra continua a sair para o correio, diariamente, nos braços do nosso «Bonga».

Ele prepara endereços, o cartão cancelado para embalagem, fecha a pala das saquetas cuidadosamente, cola as franquias postais — tudo a brincar, diria Pai Américo. Jamais esquecerá estes dias como responsável duma acção que mexe com a alma de muita gente; e que, depois de lerem o volume, mandam ressonâncias tais que não somos dignos de tanto amor, de tanta luz!

Há perto de cinquenta anos, n' O GAIATO n.º 145, de 17/9/49, a propósito da inauguração da nossa tipografia, em Paço de Sousa, Pai Américo acentua ter «chegado ao

que desejava. As ideias são lâminas cortantes e de força quase indomável. O trabalho a ensinar. O trabalho a dar amor e valor à vida. O trabalho a prender amorosamente os que andavam soltos pelos caminhos em prejuízo da Nação. Eis aqui a verdadeira riqueza da nossa tipografia».

Vamos mas é direitinhos à prática dos Leitores, enamorados do livro «Padre Américo-místico do nosso tempo», cantinho este mais deles do que nosso.

Assinante 23326, de Oeiras:
«Li com emoção, meditei, rezei. O Padre Américo está ali vivo,

presente. Esta obra nova é brisa refrescante e reconfortante em nosso tempo. A certeza de que o Bem e a Beleza ainda existem, embora abrigadas por este nevoeiro cinzento e denso que cobre as pessoas apressadas e aflitas com o ter, com o poder, com o sorver a vida. Fez-me bem esta leitura. Foi uma pausa. O recuperar da força e da esperança. Deus vos abençoe e ajude a fazer homens para viver a vida. Obrigada pelo muito que dão ao mundo e pelo que me têm dado ao longo da minha vida.»

Lisboa, assinante 64851:
«(...) A passagem de Pai Amé-

rico para o Céu abre uma porta para um ângulo menos visto da sua vida: o lado místico. Centrava a sua vida na Eucaristia, no Evangelho. Sentia-se influenciado por Francisco de Assis: 'Sinto desejos de ser Francisco de Assis para abraçar este espaço imenso de luz e de vida, desprendido, como o Pobre, de tudo quanto possa ligar a gente às ninharias do mundo'. Mas o que ele sempre procurou e pediu foi luz para o seu caminho: 'Eu só peço luz. Luz no meu cálice, na santa Missa. Luz no Sacrírio, nas minhas curtas meditações diante do Santíssimo Sacramento. Luz toda divina. Aquela mesma luz que Jesus deu ao ceguinho de

Jericó, na estrada de Jerusalém, que o fez imediatamente largar o manto, a saca das esmolas, a família — tudo — para O seguir no caminho'. Este estudo revela, além de um itinerário de reflexões místicas, um conjunto de orações compostas pelo Padre Américo. Vivendo entre o trabalho e a oração... até faz contas na Capela: 'Após a Missa deixei-me ficar um bocadinho na Capela, a fazer contas... Não pode haver enganos, sendo recta a intenção'. Viagem cheia de descobertas, este volume traz-nos hoje a revelação de que muita coisa há ainda a descobrir num homem que 'em cada acontecimento, em cada situação, em cada pessoa descobre o rosto de Deus. E no Coração de Jesus descobre o coração do mundo. A sua mística não é, pois, uma recusa do mundo, mas uma plena incorporação no seio do mundo', remata este Amigo — e muito hem!

Júlio Mendes

BENGUELA

Vamos semear!

A hora da refeição da manhã, em cada domingo, é das mais saborosas de todos os dias. Parte dela é passada quase em silêncio. Não que seja da regra ou por qualquer imposição. É a força do pão e do leite e da margarina ou do doce que gera o ambiente de sossego e felicidade, nesta hora. São 142 bocas, o dobro dos olhos e outras tantas cabeças concentradas e regadas com o que comem, vêem e saboreiam.

O pão é a solução de muitos conflitos. Não o pomos, todos os dias, na mesa dos rapazes, que custa muito caro. Não passam fome, não. Outra comida, ainda mais substancial, está no lugar do pão. Para eles, porém, o pão sabe a novidade doutro valor. Não fosse tão caro e haveríamos de o pôr todos os dias, na mesa, pela manhã. Mais, seria a grande festa, na hora chamada de merenda. Assim, para já, ficamos regularmente pela refeição de domingo.

Numa sociedade simples, como é o mundo dos pobres e miseráveis em que estamos, é fácil o ajudar a ser feliz. Basta, em primeiro lugar, o pão. O pão é a menina dos olhos para as crianças e adultos. Por causa do pão, lutamos cada dia que nos é dado. Sabemos, entretanto, que, em muitas partes da terra, o pão é deitado ao lixo, o pão não é respeitado.

No ambiente do momento em que vos escrevo, apetece-me cantar um hino à vida. E mais vontade tenho de o fazer, quando, ao longe e ao perto, se ouve, de vez em quando, o eco dos tiros que teimam em semear a morte e o desespero. Sinais de violência que mata. Até quando? Vejo gente que, antes, regressara às suas terras de origem, voltar, de

novo, para lugares de refúgio. Deixou lá o pão e vem encontrar a fome.

Apetece-me cantar um hino à vida com os meus gaiatos a plantar bananeiras num campo grande; a plantar mandioca e batata doce; com os olhos presos nos hectares plantados de batata europeia que nos custou os olhos da cara. Sim, mas por amor à vida damos a nossa e a vossa vida depositada em nossas mãos nas ajudas que nos chegam e animam. Queremos lutar contra a estagnação. Queremos dizer aos nossos rapazes e a todos os que nos vêem e conhecem que a esperança não pode morrer, enquanto tivermos vida.

Há dias, fui a uma reunião de agricultores, convocada pela autoridade superior local. É da agricultura que, à partida, virá a solução para o problema da fome e outros problemas graves. Decidi participar para receber mais luz e ajudar também. Eram pouquíssimos os homens e mulheres do campo presentes. Mau sinal. Não há confiança. As pessoas já não acreditam nas palavras. Promete-se muito e não se dá nada. Esta é a situação dos pequenos agricultores. Situação muito grave. O vale do Cavaco foi um oásis de fartura. Agora, a desertificação avança.

É neste ambiente que queremos trabalhar, resistir ao deserto. É possível fazer alguma coisa. Vamos semear! Queremos que as mãos dos nossos rapazes agarrem as sementes e as lancem à terra. Queremos que as pessoas que estão conosco façam um acto de fé na vida que ainda está. Já dei conta de que esta é a sementeira mais difícil de fazer. Contamos com a vossa mão. Queremos ajudar estes filhos a viver.

Há pouco mais de uma semana foi-se-nos o gado de

carne que vínhamos criando para nossa sustentação. Desta vez, os ladrões não nos deixaram a semente para recomermos. Levaram todas as cabeças. Consola-nos saber, mais uma vez, que a nossa segurança e insegurança é a do povo comum, no meio do qual vivemos. Mas não vamos parar.

Padre Manuel António

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Muitas famílias deste bairro que já referenciámos, habitam novas moradias construídas para eles. Outros esperam, ansiosamente. Parece ser este o melhor remédio. O Património dos Pobres nasceu e cresceu na alma e no coração de Pai Américo para que todos tenham habitação e desapareça a desconfiança.

Padre Horácio

PASSO A PASSO

O abandono parece crescer

TEMOS connosco o «Frinchas», há um ano. É nosso e um de nós. O «Cacto» pôs-lhe o nome, mal ele chegou. E acertou em cheio, como é habitual nos rapazes, cheios de poder de observação.

Não é que o «Frinchas» seja magro e esguio. Bem pelo contrário. Mas, embora não seja gordo, é pouco dotado de agilidade que não o deixa passar barreiras que os outros facilmente ultrapassam.

No entanto, há outras barreiras que para ele o não são — a aproximação aos outros. Já tivemos o «Pimentinha» que subia pelas pessoas acima. O «Frinchas», como não tem ginástica para tal, encosta-se, esboça sorrisos largos e dirige-se ao interlocutor para que este lhe volte o olhar. E aprecie este ou aquele aspecto da sua indumentária: — *A minha camisola é muito bonita, não é?*, diz, desfazendo-se em sorrisos cheios de cordialidade!

O «Frinchas» é bem o exemplo do que é cada um de nós: seres para a comunhão. Ele é bem o sinal desta força interior que nos faz infelizes quando somos pessoas isoladas e o oposto com companheiros a nosso lado.

Se vinda do abandono, então esta solidão traz sofrimento injusto. Por vezes, é por egoísmo que nos isolamos para que prevaleça o eu. Também pode ser por amor, como faz o eremita, que, no entanto, nunca

está só. Mas o «Frinchas» busca o encontro humano, querido por Deus na Criação. É o abandono, causado pela injustiça presente na vida humana, que tem de ser vencido. É preciso estarmos.

Quando tudo parece facilitar a aproximação das pessoas, vejam-se os meios de comunicação em que navegamos, vamos sentindo como o abandono parece crescer.

São os mais novos, como os nossos, em que estas marcas são agora mais visíveis. São os mais velhos, postos à margem da vida de cada dia, mesmo que a tenham cheia de requintes. E os da vida activa? Não é difícil observar e concluir, principalmente nas grandes cidades, onde os técnicos do complexo mundo das emoções humanas não têm mãos a medir.

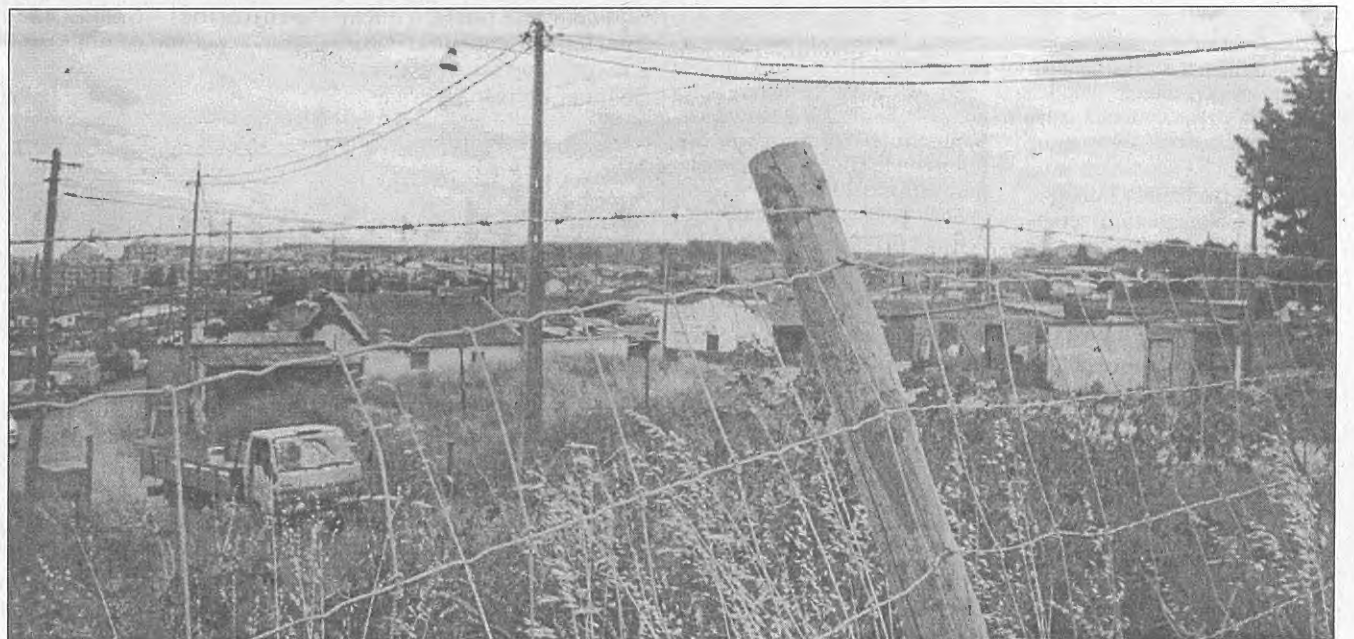
Recordo os dias vividos no passado recente em Angola. Para muitos dos nossos rapazes de lá, como a família ainda é verdadeira! Mas porque faltam os bens materiais, temos de estar com eles e por eles.

E cá? Que fazer?

É preciso fazer escolhas, opções, sem alinhar em tantas alienações radicais que nos são propostas como solução.

A camisola do «Frinchas» era bonita! Mas quanto mais bonito não é ele?

Padre Júlio



Muitas centenas de barracas cercadas por rede